

O período biográfico esquecido: os primeiros anos de Koseritz em Pelotas

Juliane Cardozo de Mello

Doutoranda em Letras
pela Universidade Federal do Rio
Grande

juliane.cdemello@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa reiluminar o período no qual o jornalista alemão Carlos de Koseritz viveu na cidade de Pelotas, através de pesquisas em periódicos locais que demonstraram a represália que o imigrante sofreu na imprensa pelos seus opositores políticos. Assim como anseia tratar brevemente das obras publicadas pelo mesmo nesse período.

Palavras-chave: Carlos de Koseritz. Pelotas. Jornais

A biografia

René Gertz (1999, p.7) já advertiu que “uma biografia de Karl von Koseritz ainda está por ser escrita”, afirmação esta que consideramos correta e que vem ao encontro do que pretendemos expor. Devemos esclarecer, no entanto, que não pretendemos traçar uma biografia de Koseritz e sim colaborar para a compreensão dos primeiros anos do jornalista no Brasil, acrescentando dados e relacionando-os com o que já foi dito em tentativas anteriores de elucidação.

Em 1851, Koseritz chega ao Rio de Janeiro, como canhoneiro do 2º Regimento de Artilharia (CESAR, 1960, p.173), ingressando na legião de estrangeiros que o governo brasileiro organizou para combater o ditador argentino Rosas (OBERACKER JR., 1961, p.21) e, após ser enviado para trabalhar em um quartel em Rio Grande, deserta em 1852, refugiando-se em Pelotas.

Nessa cidade, trabalha como escriturário e publica um jornal de anúncios, do qual encontramos apenas um exemplar na Biblioteca Pública Pelotense, do dia 1º de março de 1859, que conta com a seguinte descrição:

Jornal de anúncios é propriedade de Carlos de Koseritz, publica-se, havendo número suficiente de anúncios, diariamente e não o havendo nas terças, quintas e sábados. De cada número distribuir-se-á 300 exemplares **grátis** por toda a cidade. Recebe-se assinaturas a 50 rs, por mês na - *Tipografia Comercial* - à rua do comércio, e os anúncios e editais serão pagos adiantados a 40 rs, a linha, sendo de assinantes, e a 80 rs não o sendo. (JORNAL DE ANÚNCIOS, 1 mar. 1859, p.1)

Nesse jornal, Koseritz publica um anúncio de que continuam suspensas as aulas em seu Colégio São Francisco de Paula, por condições materiais, porém anuncia que estão abertas as inscrições para curso particular de instrução primária e secundária que iniciou em 1º de fevereiro de 1859, onde se ensina latim, francês, alemão, inglês, geografia, história, ciências matemáticas, escrituração mercantil em partidas singelas e dobradas, e gramática nacional e geral. Há outro anúncio que avisa ao público que é agente dos jornais *A Pátria* (Rio de Janeiro), de Carlos Bernardino de Moura, o jornal literário *O Guaíba* (Porto Alegre) e *O Deutsche Einwanderer* (Porto Alegre), jornal alemão, ambos redigidos por Carlos Jansen.

Também escreve dramas para serem apresentados no teatro local, como *Inês*, *Nini* ou *Nani* e *Clara*, todos sem exemplares conhecidos atualmente. Alfredo Ferreira Rodrigues esclarece que o drama *Nanny* foi representado em Pelotas, representação apreciada pelos amigos do autor, porém utilizada pelos seus opositores para expô-lo ao ridículo, pois Isidoro Paulo de Oliveira, no ápice da apresentação, mandou atirar das galerias grande número de avulsos com uma poesia que provava a imitação feita por Koseritz de um drama alemão, de Teodoro Körner⁸, os

⁸ O biógrafo não soube precisar se era realmente esse o verdadeiro autor do drama. Em pesquisas realizadas encontramos um poeta e militar alemão, com o mesmo nome, Theodor Körner (1791-1813), cujo drama mais conhecido é *Emma*.

presentes “increparam-no em seguida de plagiário e a essa acusação não se pode ele eximir” (RODRIGUES, 1890, p.13).

Koseritz principia também sua carreira jornalística, trabalhando na redação de *O Noticiador* e fundando, em parceria com Domingos José de Almeida, *O Brado do Sul*, em 1858. Envolve-se em questões políticas ao atuar em oposição ao governo e a Isidoro Paulo de Oliveira, professor do Colégio União e redator do jornal *O Noticiador* (MAGALHÃES, 1993, p.247), sendo inclusive espancado por ser redator - ilegalmente, já que é estrangeiro - do jornal *O Brado do Sul*⁹. No jornal *O Brado do Sul*, de número 186, encontra-se, em letras garrafais, o nome do editor responsável pelo periódico, Domingos José D’Almeida e ainda nessa edição verifica-se um esclarecimento a supostos boatos envolvendo a publicação:

É falso. - De volta de uma digressão que fizemos à cidade de Jaguarão, encontramos em diferentes jornais da comarca uma notícia a nosso respeito. Apressamo-nos, portanto, em restabelecer a veracidade dos fatos, declarando que em nada contribuimos para que se propalasse o boato de uma próxima mudança de nossa empresa para a cidade de Jaguarão. (O BRADO DO SUL, s/d, 1859, p.1)

Nessa cidade, casa-se com Zeferina Maria de Vasconcelos (CARNEIRO, 1959, p.10) e naturaliza-se brasileiro, em 1859,

⁹ Alfredo Ferreira da Silva (1890) data a fundação do jornal no ano de 1855. Há, na seção de obras raras da Biblioteca Nacional, exemplares desse periódico dos anos de 1859, 1860 e 1861.

perante a Câmara Municipal de Pelotas (NASCIMENTO, s/a, p.134 apud MAGALHÃES, 1993, p.248)¹⁰, talvez para amenizar a oposição que sofria. Mário Osório de Magalhães descreve o conflito entre Koseritz e seus opositores da seguinte forma:

em outubro de 1858 *O Brado do Sul* abria polêmica com *O Noticiador*, colocando-se de um lado Koseritz e de outro um professor de francês, chamado Isidoro Paulo de Oliveira. Como a questão descambasse para o terreno pessoal, e de forma violenta, *O Noticiador*, que tinha o respaldo político do partido dominante, conseguiu que o delegado de polícia intimasse *O Brado do Sul* a apresentar, dentro de 24 horas, um editor responsável - que não poderia ser Koseritz, em vista de sua condição de estrangeiro. (MAGALHÃES, 1993, p.247)

Há, no acervo do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, alguns processos judiciais de que Koseritz tomou parte como vítima e Sebastião Carneiro da Fontoura como réu, no ano de 1860 na cidade de Pelotas¹¹.

Oberacker Jr. descreve o atentado sofrido pelo alemão, que insistia na redação do *Brado do Sul* enfrentando as autoridades, apesar do andamento do processo, nos seguintes termos:

¹⁰ Oberacker Jr. data a sua naturalização em 1865.

¹¹ Koseritz chegou a processar o jornal *O Noticiador* pelo crime de injúrias impressas e, em consequência disso, o jornal *O Brado do Sul* foi intimado a apresentar o editor responsável, que fosse brasileiro, como exigia a lei. Domingos José de Almeida contratou um testa de ferro, que não foi aceito por duas vezes pelas autoridades locais, motivando-o a assumir a responsabilidade pela redação do jornal.

Lançou, então, a autoridade mão de um processo execrável: organizou, sob a garantia expressa da impunidade, um atentado, acobertado pelo presidente Silva Ferraz. Em frente à própria residência, foi Koseritz assaltado por sicários. Com dois profundos ferimentos na cabeça, caiu desfalecido e somente a intrépida intervenção da esposa salvou-lhe a vida. (OBERACKER JR., 1961, p.24)

Nesse período, é acusado de plágio na composição de seus dramas, conforme o jornal *O Noticiador* de 25 de fevereiro de 1860, pois segundo seus opositores o alemão cometeu oitenta erros em quarenta linhas e, por isso, não pode se denominar escritor público. Koseritz é alvo de acusações também do jornal *Diário do Rio Grande* do ano de 1860, pois o periódico rio-grandino transcreve artigos do *Diário de Pelotas* e do *O Noticiador* como, por exemplo, nos dias 22, 26 e 29 de fevereiro, onde o autor alemão é denominado o “Dom Quixote do jornalismo”, sendo ainda ameaçado, pois “como um potro feroz, é certo, não pode um homem brigar; mas nada o impede de atracar-lhe as chilenas, e meter-lhe o relho, até pô-lo em estão de levar freio e suportar arreios. É o que faremos” (DIÁRIO DE PELOTAS *apud* DIÁRIO DO RIO GRANDE, 22 fev. 1860, p.2). Ainda no *Diário do Rio Grande*, Koseritz é acusado de não ser nem escritor de teatro, sendo apenas um plagiário da *Revista Teatral*, nem crítico de teatro, apenas um charlatão (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 26 fev. 1860, p.2).

Domingos José de Almeida é incitado pelos redatores do *Diário de Pelotas* e d’*O Noticiador* a tirar o seu nome do *Brado do Sul*, clamando pelo seu bom-senso, distorcendo as palavras

proferidas pelo protetor de Koseritz, em um artigo publicado no *Diário de Pelotas* do dia 11 de fevereiro e transcrito no *Diário do Rio Grande* de 14 de fevereiro de 1860, intitulado “A verdade sempre aparece”. Domingos, porém, não cede às pressões e responde no *Diário de Pelotas*, defendendo a liberdade de imprensa e defendendo o amigo alemão, como se vê no seguinte trecho:

[...] Ligando a livre e franca ação da imprensa à primeira, senão única garantia da liberdade civil, sou completamente singular. Eu entendo que a repressão da imprensa, é a mesma imprensa: acusam-me, defendo-me; e o público, supremo e severo tribunal, a quem tenho dar conta da minha conduta, compulsando a acusação, e defesa, exarará sentença conforme com a razão e justiça, sem dependência da inspeção e tutela do soberano poder judiciário, e da famosa polícia, que de mãos dadas, hão completamente nulificado toda a segurança individual, e tentam aniquilar toda a liberdade do cidadão brasileiro; o que mais que muito atestam tantas prisões arbitrárias, o apelo da sentença de Grauert, o julgamento do ECO DO SUL, e sarcasmos, tão grosseiramente atirados ao exercito do império.

Na presença pois de estado tão fatigante, eu o conjuro, como a todos os diretores da imprensa de nossa província, para que, desprezando ressentimentos pessoais, se reúnam sob o estandarte da liberdade, e corajosos a defendam com o saber, e inteligência de que são dotados [...]. (DIÁRIO DE PELOTAS *apud* DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18 fev. 1860, p.2)

Koseritz é ferozmente atacado na imprensa de Pelotas e de Rio Grande¹², pois há entre as duas cidades uma relação de união entre os jornais *O Noticiador*, *Diário de Pelotas* e *Diário do Rio Grande* que polemizam contra os jornais *O Brado do Sul* e o *Eco do Sul*, como se vê na introdução de um artigo publicado em 29 de janeiro de 1860 pelo *Diário do Rio Grande*:

O Colega do Brado, sempre solícito em apoiar os tresvarios do *Eco*, se lembrou de associar toda a imprensa Rio-Grandense, à defesa que produziu em prol do redator do *Eco*, por este haver sido condenado a seis meses de prisão e multa correspondente à metade do tempo, como incurso no artigo 237 do código criminal §. 3º combinado com o artigo 236 etc. (*O NOTICIADOR* apud DIÁRIO DO RIO GRANDE, 29 jan.1860, p.2)

A cidade de Pelotas marca o início das atividades de Koseritz como jornalista, literato, intelectual e professor, funções essas que desenvolveu e aprimorou, posteriormente, nas cidades de Rio Grande e Porto Alegre. Além disso, nesse sítio constituiu família e aprendeu o idioma português e também começou a sua luta política com os governantes locais, o que lhe gerou os ataques citados.

¹² Encontramos vários artigos que criticam Koseritz publicados entre os meses de janeiro e fevereiro de 1860, após esse período, porém, seu nome desaparece das páginas do *Diário do Rio Grande*.

Os primeiros livros

No período em que viveu na cidade de Pelotas, publica seu primeiro livro - *Resumo de História Universal* - pela tipografia de Luís José de Campos, em 1856¹³, “para uso dos meus alunos no Colégio ‘União’” a fim de suprir também “a extraordinária falta que faz aos mais estabelecimentos da província, um compêndio qualquer de História Universal” no anseio de “ajudar aos respectivos Senhores Professores na sua, mais que árdua, tarefa de ensinar a História Universal sem compêndio português algum” (1856, p.3), onde há o intuito de colaborar para o desenvolvimento da instrução na cidade.

O resumo, em comparação aos textos escritos posteriormente, mostra uma visão que é contrastante ao ateísmo do autor, no qual diz que “os progenitores do gênero humano [são] Adão e Eva. Seus filhos são Caim e Abel” (KOSERITZ, 1856, p.6). Porém, ao longo do livro há apenas referências sucintas aos mitos bíblicos e à Igreja Católica como, por exemplo, a menção ao nascimento de Jesus Cristo (KOSERITZ, 1856, p.15), o que evidencia que talvez o autor já nesse período não acreditasse nos preceitos cristãos e que as alusões a eles servissem apenas para

¹³ Ao contrário de Mário Osório Magalhães (1993, p. 247), que diz ser provavelmente o primeiro livro publicado em Pelotas, Simone Xavier Moreira - em pesquisas para sua dissertação de mestrado - encontrou livros publicados em Pelotas com data anterior à década de 1850, tais como *Exposição dos elementos d'Arithmetica*, impresso na Typ. de L. J. de Campos em 1848.

estabelecer uma relação de concordância com as crenças da sociedade em geral.¹⁴

O livro apresenta uma função didática, resume, como o próprio autor afirma na Advertência, os fatos históricos sem um detalhamento maior dos dados arrolados. O desenvolvimento das letras e das artes dentre os relatos históricos brevemente como na citação de Homero e de Sófocles, Eurípedes, Aristófanes etc., ou ainda abordado no final de cada época, sob a alcunha de considerações gerais, nas quais Koseritz relata, por exemplo, o enfraquecimento do amor às letras no Império Romano, o florescimento delas no primeiro século da era cristã com o surgimento de poetas como Virgílio, Horácio, Ovídio e, além disso, do desenvolvimento da arte tipográfica por “João” Guttemberg.

A crítica à influência francesa, um dos aspectos marcantes do pensamento de Koseritz, presente até mesmo em sua obra literária como, por exemplo, no romance *Laura: também um perfil de mulher*, já é exposta nesse primeiro escrito ao relatar o final do século XVIII e o início do século XIX: “as modas, costumes e o idioma francês ficam usuais em todas as terras; o luxo origina nos estados grande pioramento moral das mais altas e das baixas classes” (KOSERITZ, 1856, p.45).

O Brasil também é tratado de forma breve, sob o subtítulo “Portugal” e com considerações favoráveis à independência e ao imperador Dom Pedro I e ao seu sucessor Pedro II: “este governo

¹⁴ Esses aspectos ficam claros, também, nas alusões ao Islamismo (KOSERITZ, 1856, p. 19) e ao Protestantismo (KOSERITZ, 1856, p. 33).

com Dom Pedro II, prospera, com ao auxílio de uma constituição liberalíssima” e ainda aponta para uma de suas bandeiras nos anos em que viveu em Porto Alegre “forte emigração para o Brasil” (KOSERITZ, 1856, p.54).

Koseritz também publicou obras literárias em Pelotas, como os dramas citados, dos quais localizamos apenas dois anúncios no jornal *O Brado do Sul*: o primeiro, publicado em 29 de março de 1859, trata de “dramas originais brasileiros”, de Carlos de Koseritz, referência ao apelo nacional do Romantismo; *Clara*, descrito como “drama rio-grandense” que se passa “nessa província no ano de 1829” e *Inês*, “drama histórico brasileiro, a cena passa-se na província da Bahia no ano de 1613” (O BRADO DO SUL, 29 mar. 1859, p.4); e outro mais resumido de 17 de junho de 1860 que trata da venda de *Clara*: drama trágico rio-grandense de Carlos de Koseritz, pela tipografia Brado do Sul. No *Almanaque popular brasileiro* (1901), há referência à representação dos dramas *Nani* e *Inês*:

Em agosto desse ano [provavelmente 1858], fez Koseritz subir à cena o drama *Nani*, cuja representação foi pretexto para manifestações de desgosto de seus adversários. A peça, representada duas vezes, foi pateada. Em outubro, a representação do drama *Inês* teve igual sorte, ao passo que aos *Dois florões*, de Isidoro [Isidoro Paulo de Oliveira], se fazia entusiástico acolhimento. (ALMANAQUE, 1901, p.226)

A outra narrativa publicada em Pelotas, *A donzela de Veneza* (1859), nos foi recentemente cedida pelo professor Luis Borges,

que nos diz, a respeito dessa obra, em seu livro *Breviário da prosa romanesca em Pelotas* (2007), o seguinte:

O trecho remete ao sangrento combate entre o Império Austríaco e Veneza, durante o *Risorgimento italiano*, movimento, entre 1815 e 1870, pela unificação da Itália, então reduzida a uma coleção de pequenos Estados submetidos à dominação estrangeira. Na primeira fase do *Risorgimento*, surgiram diversos grupos revolucionários - acompanhando a onda que varreu a Europa, descrita por Marx como o “fantasma do comunismo” - que se insurgiram contra a Áustria, sem, contudo, nesse período, alterar o *status quo*. (BORGES, 2007, p.97)

O intuito de retratar a história, já existente em seu primeiro livro - o *Resumo de história universal* - está presente nessa primeira tentativa de escrita de romance, o que podemos constatar já no prefácio do livro:

O pequeno romance, fruto de alguns momentos de ócio, que em seguida publicamos, refere-se a um fato da história contemporânea, que colhemos nas crônicas da época. [...] Poucos são os enfeites românticos que juntamos ao simples fato, tal qual a história o conservou - apenas reunimos sobre o mesmo plano alguns episódios da brilhante luta da bela Veneza contra os seus tiranos austríacos e ligando os reais acontecimentos pela florida grinalda da invenção romântica, não tivemos em vista, senão interessar os nossos leitores mais um pouco do que ordinariamente permite a austera nudez da história universal. (KOSERITZ, 1859, p.3)

A novela narra, então, o sítio de Veneza sob o governo do déspota de Manin que, apesar da represália, da sobrinha e do

forasteiro Alfredo e de parte povo, não é deposto, pois sempre acaba dominando a população através de ameaças e da força policial. Veneza é mostrada em sua pobreza, a população passa fome, e a “donzela” do título refere-se à Flora que acaba sendo uma mártir, pois após ser mandada para a morte em uma embarcação, o mesmo cruza com um navio austríaco e a jovem, sem que sejam expostos os motivos, entra no navio inimigo que em seguida explode e, por isso, ela é tida como a salvadora do domínio da Áustria.

Em ensaio intitulado *Carlos von Koseritz*, publicado na coletânea *Fundamentos da cultura rio-grandense* (1960), Guilhermino Cesar aborda a ficção de Koseritz julgando-a “novelas de pequeno valor literário” (CESAR, 1960, p.175), destacando a novela *A donzela de Veneza*, da qual diz que, ao contrário das demais produções literárias:

serviu-lhe de pretexto para dar largas ao seu sentimento liberal. É uma novelinha curta, fluente, agradável, que descreve cenários e costumes da Itália, pois a ação se passa em Veneza, durante o sítio que lhe impôs Marechal Radetzky, ao mando do governo austríaco. É de ver aí a indignação do novelista, que refletiu na sua breve narrativa a opinião dos povos latinos, naquele momento irmanados contra a Áustria, que teimava em sustentar o domínio das terras peninsulares adjudicadas ao Império em consequência do Tratado do Campo Fórmio, origem remota da insurreição veneziana de 1849. (CESAR, 1960, p.175)

Discordamos de Guilhermino César no que tange à fluência da novela, pois seus capítulos são, muitas vezes, truncados, com o

aparecimento de um personagem importante - Luigi Maliani -, uma vez que mata o herói Alfredo e entrega Flora ao tirano impedindo que eles explodissem a munição escondida pelo tirano que dominava Veneza e pusessem fim, como mártires, ao seu despótico governo, apenas ao final do texto, apesar de Flora ter sentido a sua presença em inúmeros momentos sem, contudo, ter mencionado esse fato.

Entretanto, algumas passagens da novela são interessantes se relacionadas ao pensamento contra a Igreja Católica que Koseritz manteve no período que viveu em Porto Alegre como, por exemplo, quando os padres e freiras, responsáveis pelo hospital da cidade, comem o boi enviado pelo tirano, sendo descritos pelo narrador como animais, pois comem com as mãos dispensando pratos e talheres, e deixam apenas os ossos para que seja preparada uma sopa para os doentes, ou ainda quando esses mesmos padres e freiras cobram para guardar os bens dos venezianos (joias, dinheiro, etc.) e arquitetam um plano para sair da cidade cobrando pelas roupas de doentes que eram emprestadas aos homens que podiam pagá-las, os que pagavam as taxas eram carregados, em uma espécie de procissão, pelos monges, em camas cujos colchões escondiam seus pertences, a fim de pedir a clemência do ditador Manin para saírem da cidade sitiada.

Alfredo Ferreira Rodrigues compara *Um drama no mar* a outra narrativa do autor, *A donzela de Veneza*, e nos diz o seguinte:

É surpreendente a diferença entre os dois livros e muito deveria ter estudado o autor, para em tão curto espaço de tempo, apresentar tamanho progresso. A linguagem é mais elevada e mais correta e, a trechos, encantadora e poética; a ação corre mais animada e o leitor sente-se preso ao desenrolar de um drama pavoroso, que o comove profundamente. O fato que serve de assunto ao romance é verdadeiro e bem perto de nossas costas representou-se a medonha tragédia, mas há em toda a narrativa vida, há arte. De um acontecimento cheio de horror, soube o romancista formar um livro interessante. (RODRIGUES, 1890, p.13, 14)

Se compararmos essa novela aos dois livros publicados anos depois em Rio Grande - *Um drama no mar* e *Laura: também um perfil de mulher*¹⁵ - podemos perceber um grande progresso seja na temática, mais próxima da realidade dos brasileiros, seja na forma, uma vez que há muitos problemas estruturais nessa narrativa, como o transito de personagens, a falta de uma divisão em capítulos, etc., que comprometem a sua compreensão.

Considerações finais

Os dados que elencamos nesse artigo apontam para um caminho pouco trilhado pelos biógrafos de Koseritz e indicam um “período biográfico e bibliográfico esquecido” que, através da

¹⁵ Para maiores informações, consultar: MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas*. Rio Grande, RS, 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

pesquisa nos periódicos do período, em processos judiciais, em manuscritos da Biblioteca Nacional e nos acervos da Biblioteca Pública Pelotense e da Biblioteca Rio-Grandense, estão sendo reiluminados com o estudo aqui exposto. Ademais, o *Resumo de história universal*, os dramas *Nani*, *Inês* e *Clara*, assim como a novela *A donzela de Veneza*, além de caracterizarem-se como as primeiras obras escritas pelo jornalista, já apontam para o intuito de contribuição para a cultura e para as letras brasileiras que marcará os escritos posteriores (literários, jornalísticos, filosóficos, etc.).

Referências:

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1902. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1901.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul; 1868 a 1880*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BORGES, Luis. *Breviário da prosa romanesca em Pelotas*. Subsídios para uma história literária. Vol. 1. Pelotas: JC Alfarrábios, 2007.

CARLOS VON KOSERITZ. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social, 1996.

CARNEIRO, José Fernando. *Karl Von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.

_____. *Carlos von Koseritz. In: Fundamentos da cultura Rio-Grandense*. 3 volumes. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1954-1960.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: FBN, 2001.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

GERTZ, René. (Org.) *Karl von Koseritz: seleção de textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

HESSEL, Lothar F. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama/IEL, 1976.

KOSERITZ, Carlos de. *Resumo de História Universal*. Pelotas: Tipografia de Luis José de Campos, 1856.

_____. *A donzela de Veneza*. Pelotas: Tipografia Comercial, 1859.

MAGALHÃES, Mário Osório de. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 - 1890)*. Pelotas: UFPEL; Livraria Mundial, 1993.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas*. Rio Grande, RS, 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

MOREIRA, Simone Xavier. *A formação da Princesa do Sul: primórdios culturais e literários*. 2013. 153 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em História da Literatura. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

OBERACKER, Carlos H. *Carlos Von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Americana, 1881.